

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: 933

Data: 15/05/83 Pg.: _____

Ecologia e alimentação dos nambiquaras

lao
Graça Caldas

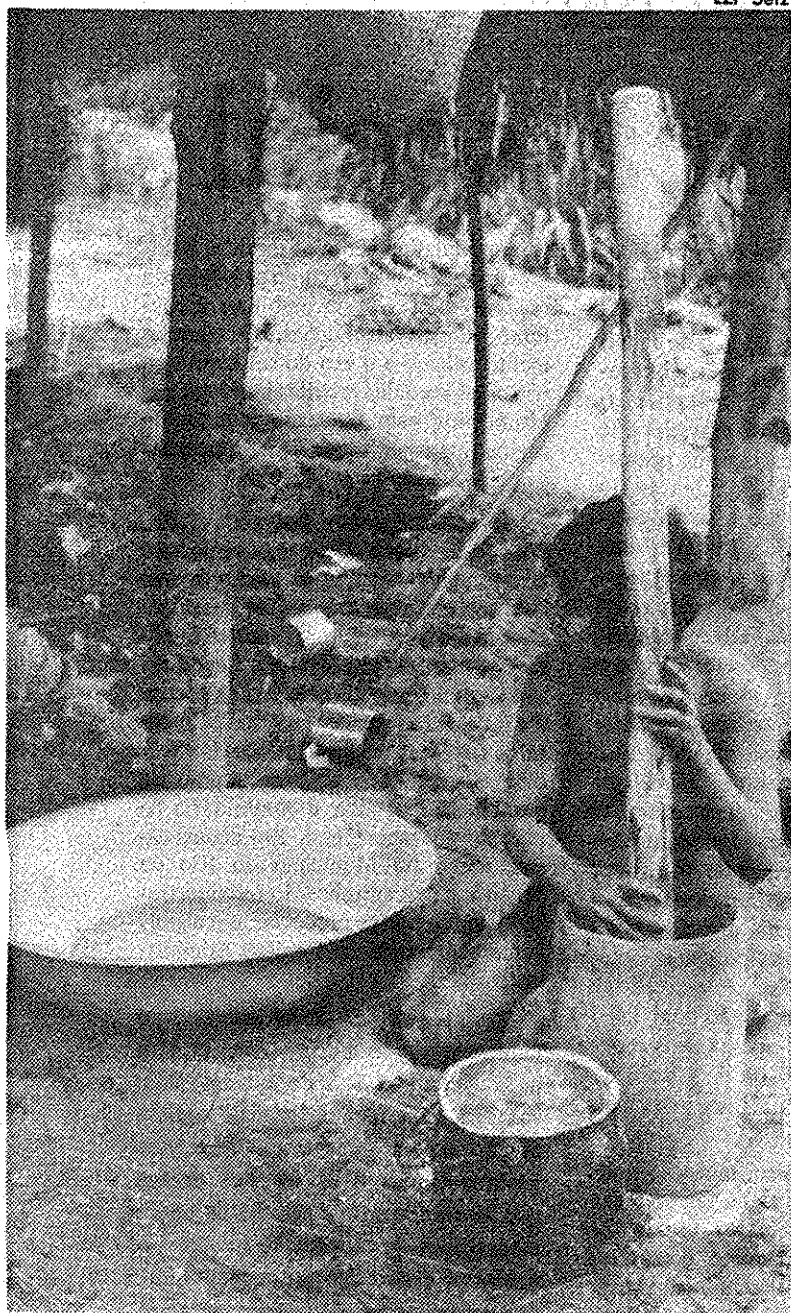
O relacionamento dos índios nambiquaras com o meio-ambiente, a partir do seu modo de obter e utilizar alimentos, foi detalhadamente estudado pela pesquisadora Eleonore Setz, em duas aldeias deste grupo indígena. Estas aldeias estão localizadas em ambientes bem contrastantes: cerrado e floresta, no Sudoeste do Mato Grosso, próximas à rodovia Cuiabá—Porto Velho. O trabalho se propôs a analisar as possíveis influências ambientais em condições ecológicas altamente divergentes, na ecologia alimentar do grupo.

Em seu trabalho, apresentado como tese de mestrado em Ecologia no Instituto de Biologia da UNICAMP, dia 26 último, a pesquisadora demonstra que, ao contrário do que se pensava, os nambiquaras não levam uma vida nômade, pois têm aldeias fixas, embora se desloquem para caçar e pescar. Mostra também que num dia útil de cerca de 12 horas, o tempo gasto para a subsistência alimentar varia de uma hora e meia para o grupo de floresta a três horas para o grupo de cerrado, usando o restante do tempo para outras atividades produtivas e lúdicas.

Os nambiquaras

Os nambiquaras formam um grupo indígena cultural-lingüístico independente, pequeno e de distribuição restrita ao Sudoeste do Mato Grosso e Sul de Rondônia. Habitam uma área total de 50 mil km². Sua população é hoje estimada em 800 indivíduos distribuídos em 24 aldeias que têm entre cinco e 70 habitantes.

Eleonore escolheu duas aldeias — os alantesus em floresta e os juínas em cerrado — para sua pesquisa porque, apesar da diferença entre seus ambientes, estão afastadas por apenas 60 Km. A questão básica foi verificar se as características de cada ambiente determinam modos particulares de aproveitar os recursos potenciais de subsistência, apesar de pertencerem ao mesmo grupo cultural e de os habitantes destas aldeias terem contato direto entre si. O trabalho foi realizado durante a estação seca de agosto a outubro de 1979 e na estação chuvosa de dezembro a fevereiro de 1980. Além disto, visitou por períodos



Índia na aldeia Alantesu soca milho para fazer farinha

EZF Setz

menores 16 das outras 22 aldeias dos nambiquaras.

Alimentação

A dieta alimentar dos alantesus está assim composta, pela frequência diária verificada pela pesquisadora: "Amiláceos (amidos); 42%, todos cultivados e colhidos, seguidos pelos peixes e caça (32%); frutos (19%) e insetos (7%). Das atividades fora da aldeia, 33% das saídas foram para pescar; 24% para caçar; 23% para ir à roça colher; e 20% para coletar.

Para caçar e coletar utilizam a região ao redor da aldeia em um raio de aproximadamente 10 km, perfazendo uma área de cerca de 280 km². Os alantesus pescam mais na estação seca, quando o nível das águas é mais baixo. A utilização do mel é maior na estação seca, enquanto os frutos são mais usados na estação chuvosa.

Já nos juínas, a frequência maior na alimentação é de peixes e vertebrados (37%); seguidos pelos amiláceos (amidos-27%); os insetos (20%); e os frutos (16%). Nas atividades fora da aldeia, 47% das saídas foram para a coleta, 30% para a colheita, 17% para caça e 6% para pesca. Da mesma forma que os alantesus, os juínas utilizam, normalmente, uma área de um raio de 10km ao redor da aldeia. Entretanto, nas caçadas maiores percorrem até 150km numa área de cerca de 1 200km², permanecendo cerca de 15 dias fora, coletando e caçando, enquanto os alantesus ficam fora em média três dias para a caçada.

O grupo de cerrado, os juínas, tem roças abertas em matas de galeria (à beira do rio). Plantam principalmente mandioca brava, tanto a de massa, quanto a de chicha (aguada, de fazer sucos), além de araruta e cará. Durante a pesquisa, pretendiam iniciar o plantio de arroz, por iniciativa da Funai. A área cultivada é de 3 700 m² por indivíduo.

Já o grupo da floresta, os alantesus cultivam em clareira de matas, uma diversidade maior de alimentos: milho, mandioca mansa, batatas-doces, amendoim, feijão e mamão. A área cultivada é de 4 900m² por indivíduo. Os alantesus não comem verduras, nem bebem água pura, preferindo misturá-la com suco de frutas ou com mel.

A coleta de animais e derivados é bastante diferente entre as aldeias. Os alantesus coletam

mais frequentemente mel, enquanto os juínas obtêm gafanhotos, mel e larvas de marimbondos. A pesca é muito frequente para os alantesus, cuja caça mais comum são porcos-do-mato e macacos-prego. Os juínas caçam muitos tamanduás e também lagartos teiús e veados. Pescam menos que os alantesus.

Os insetos são parte importante na dieta alimentar dos nambiquaras: gafanhotos, formigas, larvas de marimbondos, de besouros e mariposas, entre outros, fazem parte de uma variedade alimentar existente na região e muitas vezes são ricos em proteínas, como é o caso da farinha de gafanhoto. Os frutos que utilizam incluem coquinhos, jatobá, pequi, cacau, abacaxi, maracujá, ingá, caju, mangaba. Sua caça abrange desde corujas a tatu, gambá, arara-pequena, sapos, rãs, veados, paca, capivara, papagaio, pomba, cutia, morcego, anta e ema, entre muitos outros.

Ao analisar as diferentes condições de cada aldeia e relacioná-las com a alimentação dos grupos, a pesquisadora conclui que: "Se os juínas-cerrado têm uma maior diversidade de itens na dieta, usam uma maior área e gastam mais tempo — o dobro por indivíduo nas atividades de forrageio (modo de obtenção direta do recurso material para sua manutenção, principalmente alimentação) do que os alantesus, seu ambiente deve ter menor abundância de recursos alimentares por unidade de área que os alantesus."

O fato de a dieta dos nambiquaras de cerrado estar mais centrada na coleta e dos nambiquaras de floresta na colheita deve-se, provavelmente, de acordo com a ecóloga, "à aptidão dos solos das regiões habitadas que exerce influência decisiva na ocorrência das diversidades de itens na dieta (maior nos juínas) e na ocupação do espaço (maior mobilidade e maior área utilizada pelos juínas)".

Outro aspecto analisado mostra que o "fato de os juínas (cerrado) não retornarem diariamente à aldeia e realizarem caçadas em grupo e festas entre aldeias permite um maior conhecimento sobre a abundância alimentar em uma área maior, aumentando assim sua eficiência sobre a utilização do espaço".

Graça Caldas é correspondente do JORNAL DO BRASIL em Campinas.